

41° Encontro Anual da Anpocs

SPG 05: Casa, comida e gênero: Olhares Etnográficos

As mães e suas *casas raízes*: O jogo entre o *mundo* e o espaço doméstico

Yara Alves (PPGAS-USP)

Caxambu- MG

2017

1. Apresentação

*O filho é do mundo, não adianta a gente achar que é da gente.
O que a gente faz é ensinar ele a lidar com o mundo.
Tem que saber ir e saber voltar. Ele tem que saber qual é o lugar da gente.*

Essa fala foi proferida por Carmem¹, mãe e moradora de Pinheiro, *comunidade*² quilombola de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha- MG. Ela, assim como as demais mães das *comunidades* Macuco, Gravatá e Mata Dois, onde desenvolvo minha pesquisa de doutorado³, *criam* seus filhos partindo do pressuposto de que eles se relacionarão com o vasto, desconhecido e imprevisível *mundo*. *Saber lidar com o mundo* é algo que deve ser ensinado desde o nascimento, um dos princípios estimados de uma *boa criação*. Esse princípio não é desprezível, uma vez que para os moradores da região *o mundo gira, gera e mexe, ele está sempre mexendo*. Vivendo a vida a partir da instabilidade, dos possíveis e cotidianos *giros do mundo*, essas pessoas concebem a existência por meio de transformações, de incertezas e de constantes mudanças (Alves, 2014).

Os filhos crescem, saem das casas de suas mães e vivem distantes parte considerável de suas vidas, sejam eles homens ou mulheres, como desenvolverei ao longo do texto. O que desejo apresentar neste artigo são as formas como essas mães mobilizam conhecimentos para fazer de suas casas pontos de *reunião*, apesar do constante movimento dos filhos. Elas sabem que eles são *do mundo*, mas articulam prática/s e conhecimentos para que eles não percam *o caminho de casa*. Os retornos dos filhos *já criados* são o resultado de um trabalho cotidiano de *criação*, no qual a mãe processualmente constrói uma *casa raiz*, que permanece ali apesar dos movimentos variados dos filhos.

Esse trabalho cotidiano é doméstico e público, pois se encarrega de construir pessoas que nascem com *jeitos* particulares e próprios, mas ao longo dos anos devem compreender *os modos e jeitos* daquela casa, conforme os ensinamentos maternos. É a

¹ Os nomes aqui apresentados são fictícios. Esse recurso preza por menor exposição das pessoas citadas, mas sei que não os isenta de serem identificados entre os demais moradores da região.

² O uso do itálico é reservado para expressões, palavras e falas tal qual são proferidas pelos moradores de Pinheiro, Macuco, Gravatá e Mata Dois. Serão usadas aspas duplas para expressões utilizadas em outras etnografias, bem como termos ou conceitos antropológicos.

³ A pesquisa de doutorado é financiada pela Fapesp e está em seu segundo ano de realização. Parte dos dados aqui apresentados foram construídos durante a pesquisa de mestrado (Alves, 2016), financiada pelo CNPq. Meu contato e permanência na região é anterior, desde 2009, quando iniciei atividades de pesquisa e extensão na localidade Pinheiro, por meio do Projeto Lições da Terra/ PUC-MG.

partir disso que elas circulam no *mundão*, mas reconhecem o lugar e a casa de onde vieram, em processos de interação com múltiplas alteridades. Assim, tentarei expor como essas mães mobilizam práticas e atividades para manejarem as *sortes* e compreenderem a *natureza* de cada filho, *criando* pessoas que *têm rumo, sabem ir e voltar*.

2. *A casa raiz e a criação em roda do fogão: A mãe e os retornos*

Em uma tarde quente de janeiro de 2017, conversava com Renato, na cozinha de sua mãe, em Macuco. Ele me contava das muitas experiências de trabalho em Belo Horizonte, Ribeirão Preto, Contagem, São Manuel e Barrinha, algumas das cidades para onde ele tinha se deslocado. Renato, que na maioria das vezes exercia atividades no ramo de construção civil, explicava que preferia trabalhar sem carteira de trabalho assinada, pois assim ele conseguia voltar quando desejasse. Sem tempo determinado para férias, como aqueles que *assinam carteira*, ele dizia ter *mais liberdade*. E ter *liberdade* é a condição para circular de maneira adequada, *sabendo quando é hora de ir e quando é hora de voltar*. Afirmava, assim como todos que *saem para trabalhar, que sair é bom, andando a gente ganha sabedoria*, contudo, *tem que ter rumo*. Por isso, ele *saía sempre, mas morava ali*, em Macuco.

Para Renato, não havia confusão. Apesar de ficar cerca de nove meses ao ano *para fora*, ele continuava *morando ali*: *Eu construí minha casa, minha mulher fica aí quando eu saio, mas não consigo ficar muito tempo fora não. Eu fico longe de mãe e minha cabeça atrapalha. Fica tudo ruim. Aí eu volto, volto para cá*. Ele continua *morando ali* e o faz porque quando permanece muito tempo distante, sua *cabeça atrapalha*. A *liberdade* reivindicada em contratos de trabalho que podem ser mais desfavoráveis do ponto de vista econômico e dos direitos trabalhistas é o mecanismo que encontra para se manter *equilibrado, com a cabeça certa*. Por trás dos *cálculos* de Renato, se desvela uma lógica familiar, onde a mãe surge como figura em destaque. Por mais que sua esposa também esteja ali, na casa em que construiu no *terreno* da família, é para a casa da mãe que Renato deseja voltar, era ali na cozinha dela que eu o encontrava com frequência, em partes distintas do dia. *Aqui é minha raiz*, afirmou convicto.

No momento em que ouvi a afirmação de Renato, já tinha percebido que as casas maternas eram chamadas de *casas raízes*, em uma analogia com as árvores da região. Segundo os moradores das *comunidades*, *a casa é uma raiz* porque *continua ali*, mesmo

na ausência de seus filhos. São como as raízes das árvores do cerrado, que *continuam ali* apesar do *tempo da seca*, no qual suas *folhas voam, vão embora*. Se no *tempo das águas* novas folhas surgem nessas árvores, esse também é o tempo que os filhos retornam à *casa raiz, que reúnem em roda do fogão da mãe*. E junto com essa casa, a mãe também é um símbolo de permanência, ela e a casa se *enraízam* juntas, num longo processo de amadurecimento.

A casa da mãe de Renato, assim como a grande maioria das casas da região, foi construída no *terreno*⁴ do seu esposo. A tendência à virilocalidade não é uma regra, mas informa um imaginário local de que a *obrigação do homem é construir casa*, uma construção que demonstra a sua força de produção fora dali, nos lugares onde trabalha. Mesmo sem uma noiva, é comum ver os jovens construírem casas nos *terrenos* da família, primeiro investimento após a compra de uma motocicleta e/ou um carro. Esse costume faz com que nem sempre a casa seja construída de acordo com uma decisão conjunta do casal, mas a partir das escolhas do homem, que decide o tipo de material e acabamento, a quantidade de cômodos, a posição da casa no terreno, o tamanho de cada espaço.

Naquela tarde, perguntei para D. Bárbara, mãe de Renato, se ela ficava feliz de ouvir o filho dizer que sua casa era sua *raiz*. Ela me respondeu com uma expressão de satisfação, sem nenhuma palavra. Contudo, seguida a pausa, logo começou a explicar que não foi fácil *fincar raiz*. Rememorando a chegada àquela casa, há quarenta e dois anos atrás, lembrou do quanto estranhava aquele ambiente, achava tudo *feio*. Ela me contou, como muitas mulheres, que durante o namoro é comum que o homem visite a namorada em sua casa e muito raro que o contrário ocorra. A circulação dele no ambiente doméstico da casa da namorada é estritamente vigiada, cuidada e limitada. Não é *por bem que homem fique passando perto do quarto da moça* e de preferência, deve permanecer parte considerável do tempo de permanência ali junto com outros moradores da casa, que interagem e *assuntam o jeito* do pretendente. *Antigamente*, tudo era *mais sistemado*, mas ainda hoje é comum que a moça se case sem muita interação com a sogra e os demais parentes do marido que residem no *terreno* familiar para onde se muda após a construção da casa ou após a formalização do casamento. A mudança da moça para a casa do homem sem *casar no papel* e/ou *casar na igreja* é comum e é reconhecida como casamento, por

⁴ O sistema territorial vigente na região é baseado na herança e em decisões familiares sobre divisão dos *terrenos* em *bolos*, núcleos de povoamento formados em partes delimitadas da propriedade de uma família, como bem analisado por Galizoni (2007).

mais que haja uma valorização moral de quem *faz tudo certinho* e ainda consegue fazer uma festa, o que depende da situação financeira da família do casal. De uma forma ou de outra, o estranhamento inicial com a nova casa é algo generalizado entre as mulheres, para as quais esse o período do casamento *foi o mais doído, de uma tristeza só*.

A necessidade de se acostumarem com um novo ambiente doméstico, construído e planejado pelo marido, e com os seus novos parentes, principalmente a sogra, faz com que as *casadas de pouco* fiquem com a *ideia preocupada, murchas e tristes*, principalmente por não residirem mais com suas mães, das quais lamentam a ausência. Em grande parte dos casos, as mães dessas mulheres residem em outras localidades vizinhas e mesmo quando são da mesma localidade, as visitas à casa materna não podem se transformar em uma permanência mais prolongada. A *casada de pouco* é observada e muitas narrativas negativas podem surgir do fato de ela passar tempo excessivo na casa de sua mãe, pois é estimado que ela aprenda que *mulher casa tem casa para cuidar*.

No relato de D. Bárbara, essa nova casa é um lar, mas ainda não é uma *raiz*. Ela se lembrava que, nos primeiros meses de casamento, olhava os cômodos e não conseguia se sentir *alegre e animada*, ficava o dia sozinha, entre uma ida e outra à casa da sogra. Seu esposo ficou apenas 20 dias com ela e teve que *viajar para São Paulo*, por onde ficou seis meses cortando cana. A casa da sogra era o seu ponto de apoio, onde dormia todas as noites, onde passava parte da tarde e onde conseguia sentir a *alegria* que faltava em sua nova residência. Ela limpava, arrumava os cômodos, mudava os móveis de lugar, trazia aos poucos mudas de planta da casa da mãe e dos vizinhos, assim como mudas de *pé de árvore*. Contudo, ainda não conseguia se *animar* com seus afazeres, *não tinha divertimento*.

No primeiro retorno de seu marido, a rotina se tornou mais movimentada, apesar da casa ainda ser *uma semgraceira*. O que ela não esperava era ter *sorte* de engravidar rápido, com pouco tempo que seu marido tinha voltado. Sua *natureza* era *parideira*, veio a descobrir ao longo dos anos. Isso era uma grande *sorte*, porque com uma criança sua casa e sua vida iam ganhar mais *animação e alegria*, porque os filhos trazem *divertimento*. O *divertimento*, que deve ser entendido pelo movimento que traz à rotina não se traduz apenas em momentos alegres, como poderíamos pensar, é antes de tudo algo que preenche o tempo e os pensamentos, tudo aquilo que *dá ânimo* e motivação à vida. O *filho ocupa o dia e a cabeça da gente*, traz muita preocupação e *sofrimento*, mas é *divertido*, pois com filhos a *mãe nunca fica parada, ele tá sempre com a ideia ocupada*.

Para D. Bárbara não faltou *divertimento*, teve oito filhos e todos os partos foram realizados em casa. De parto em parto, ela se tornava mais *forte* e sua casa ia se enraizando. Ela crescia em cômodos, plantas e *criações*. Como *mulher forte*, que passou pela experiência do parto, passou a ser reconhecida como alguém que merecia respeito, alguém cujos desejos e escolhas iam nortear seu espaço doméstico. No segundo filho, ela pediu para que o marido construísse um *forno de assar*, onde passou a fazer seus pães, bolos e biscoitos sem precisar de usar o forno da sogra. Ela o construiu como o forno de sua mãe, *do jeitinho do seu povo*. Ao *criar* os filhos, ela ia fazendo de sua casa seu espelho, *a sua cara*. Se antes estranhava cada cômodo, agora tratava de adorná-los do seu *modo*.

D. Bárbara, assim como as demais mães da região, se tornaram adultas por meio do trabalho cotidiano de observação, cuidado e *criação* dos filhos, que *já vem ao mundo trazendo muita coisa, coisa por demais*. D. Alzira, moradora de Mata Dois, me explicou que *Deus dá uma natureza para cada um, ele cria a natureza de cada ser vivente e ele é o criador mais importante. Cada um vem com uma natureza e uma sorte. Assim, ninguém é igual, pode até ser parecido, mas não é igual*. Deus é o *criador mais importante, o mais forte e o mais sábio*. Ele é o único que *sabe o porquê de todas as coisas* e só ele sabe de que cada um é capaz, porque *conhece a natureza de todos*. O trabalho cotidiano de uma mãe é *conhecer a natureza de seus filhos*, uma responsabilidade que tem um enorme peso na vida dessas mulheres, *criadoras*, que não são da ordem do divino, mas que influenciam nos *modos e jeitos* dos filhos, construídos cotidianamente nas casas e *terrenos* das localidades. A mãe é a principal *criadora* de uma criança, ela é responsável por lhe ensinar e transmitir conhecimentos variados, mas principalmente identificar características do *sangue e da natureza* da criança, tentando influenciar naquilo que pode ser aprendido por meio da *criação* (Alves, 2016).

Esse trabalho cotidiano da mãe, de *assuntar a natureza dos filhos* é um trabalho de pesquisa, onde investiga e busca *rastos* de outros parentes, *rastos* de qualidades morais, hábitos de conduta, práticas sociais que podem estar presentes no *sangue*, compondo a *natureza* da pessoa. O verbo *assuntar* pode ser aqui entendido como uma arte, semelhante ao que Vieira (2015) encontrou entre os quilombolas de Malhada (BA). Segundo a autora, em seu contexto etnográfico, “assuntar” pode ser entendido como uma “arte de superfície”, no sentido deleuziano do termo:

enquanto um modo de conhecer, desliza sobre essa superfície sem pretender transcender ou alcançar profundidade e que se distingue tanto da profecia quanto da previsão. A arte de *assuntar* além de se caracterizar por uma recusa de produzir síntese totalizadora, busca colocar em curso um pensamento nômade que lida com o perigo, com a indeterminação e com a instabilidade e se arrisca continuamente a cada especulação (VIEIRA, p.41, 2015)

A investigação atenta das mães, ou tomando de empréstimo o termo de Vieira, “a arte” de *assuntar a natureza* não é conclusiva, mas sempre especulativa e profundamente sensível a possíveis erros, o que torna sua busca uma constante, mesmo quando seus filhos já são adultos e *criados*. *Assuntando*, as mães não só percebem o que é próprio de cada filho, mas o que os diferencia, o que é fundamental para ela fazer com eles *convivam unidos apesar das diferenças*. O sucesso das mães é maior quanto maior sua capacidade de *ter olho*, capacidade que pode ser desenvolvida ao longo da vida de uma pessoa e que é um dos principais caminhos para *ganhar sabedoria* sobre pessoas, práticas e modos de fazer.

A capacidade de *ter olho* é estimada porque deve ser praticada pela própria pessoa, tem que *partir da vontade própria* de cada um. Assim, não há um treinamento específico para *ter olho*, há uma disposição para tal, que pode passar a ser praticada em qualquer momento da vida de uma pessoa. *Ter olho* não se traduz na atividade de *assuntar*, mas a qualifica, assim como qualifica a pessoa para *viver e conviver*. Alguém que *tem olho* identifica de antemão possíveis problemas futuros porque *tem visão*, consegue prefigurar um número de variáveis e possíveis conjunturas futuras. Ela também é atenta àquilo que pode ser útil e tem *vontade de aprender*, pois sabe que *nada que a gente aprende de verdade é jogado no lixo*. A valorização do olho ou da visão nos processos de aprendizado leva a estimular as crianças ou qualquer aprendiz (como eu) a *verem* tudo aquilo que pode ser visível, até atingirem o ponto de *verem* o que nem sempre pode ser visto, como os *rastos no sangue* que as mães mapeiam, em busca de conexões entre os filhos e outros parentes. É a conjugação da capacidade de *ter olho* com o exercício de *assuntar* que vai permitindo esses mapeamentos, importantes para as práticas de *criação*, onde os *jeitos e modos* estimados precisam ser ensinados.

Além disso, a mãe precisa *assuntar as diferenças dos filhos*, pois um dos dizeres que mais ouço das mães das quatro *comunidades* é que *os filhos são como os dedos da mão, cada um sai de um jeito*. Isso explica os casos de irmãos que são muito distintos, que têm comportamento avesso uns aos outros, que *não se dão* ou aqueles que quando se encontram *só dá arenga*. A mãe precisa identificar esses problemas e equacioná-los,

porque o que todas as mães desejam é que os filhos *saibam ir para o mundo e voltar para a casa*, uma *casa raiz*, que *reúne* todas as *folhas de uma gaia*. Assim, ela precisa *unir* os filhos, cujas diferenças podem dispersá-los, ainda mais quando eles *vão para o mundo*. As mães conjugam o *jeito* de cada filho com o *jeito e os modos* que transmite via *criação*, por meio da qual tenta construir dispositivos morais compartilhados por seus descendentes.

Os filhos não são iguais, mas eu ensinei as mesmas coisas para todos eles, me disse D. Francisca, moradora de Gravatá, mãe de três mulheres e dois homens, que se orgulha por *conhecer a natureza de cada um deles*, algo que foi conhecendo a cada dia, desde que nasceram. Segundo ela, cada uma *veio ao mundo* de uma forma, um mais apressado, outro mais demorado, um com muita dor e outro com contrações mais mansas. *Eles mesmo já decidem como vêm*, me dizia. Desde o parto, já expressam formas de agir que são únicas, podem ser semelhantes, mas nunca *iguais*. *Cada parto é de um jeito*. Assim como os filhos, o momento do parto é central na vida de uma pessoa porque já diz sobre suas formas de existência, como bem me explicou D. Francisca. Ela, que teve *assistência* da parteira Maria Soares, teve também sua leitura dos cordões umbilicais de cada filho. Maria Soares, assim como Joanhina, Maria da Vargem Funda e outras parteiras da região, sabiam *ler a sorte do menino pela vida*, ou seja, pelo umbigo (sinônimo de *vida*) e pela forma como ele está vinculado ao corpo da criança. Naquela tarde, ela me explicava que o umbigo podia ser chamado de *vida*, pois são sinônimos. *A nossa vida é ele*. E, *antigamente*, quando o bebê nascia, a parteira *via a sorte pela vida*, pois elas possuíam a *sabedoria de ver a sorte*, algo que cada ser humano traz consigo, por determinações divinas. *Vendo o umbigo*, elas podiam dizer da criança, se ela teria a *vida longa, curta, escura, clara, enrolada*, dentre outras possibilidades. Hoje, com os partos hospitalares, as mães não conhecem a relação entre a *vida* do filho e sua *sorte*.

As parteiras não teciam os fios da vida, mas os cortavam, *vendo a sorte* de cada um em um trabalho próximo ao das moiras, personagens da mitologia grega que se encarregam de tecer e cortar o fio da vida, determinando o destino de deuses e homens. As mães começavam a conhecer as determinações divinas para a vida de seus filhos desde a chegada de cada um ao *mundo*, algo que hoje já não é mais possível devido à realização exclusiva de partos hospitalares. E nem realizam alguns dos rituais que eram realizados no momento do nascimento da criança, como a apresentação da *luz divina* ao bebê. A *luz divina* era uma luz proveniente do fogo do fogão a lenha da casa, que era apresentada ao bebê em uma lamparina. A parteira apresentava a *luz divina* para que o bebê reconhecesse aquela luz,

aquela casa, para que seus caminhos fossem bons e não esquecesse *seu lugar* (Alves, 2016).

As parteiras *viam* o que é da ordem do dado e as mães também *vêem* o que nem sempre é visível, aquilo que está oculto nas profundezas da *natureza* e do sangue, e trabalham naquilo que pode ser construído, por meio da *criação*. Elas procuram *rastos* de qualidades morais e atributos pessoais que podem ser transmitidos pelo sangue, qualidades e atributos que precisam ser *assuntados*, em um trabalho cotidiano de observação materna. Uma tendência à preguiça, à *ruindade*, à *moleza*, à gula, à tristeza, à inveja, dentre outras, pode ser uma manifestação de algo que não pertence apenas à pessoa, mas que ela contém em si, tal como outros parentes. Nesse sentido, as fronteiras entre a natureza e a cultura são borradas, algo que Strathern (1992) destaca nos estudos de parentesco pós-schneiderianos. O código e a lei se misturam, reverberando na construção de pessoas que não são apenas indivíduos singulares, mas que trazem em si reverberações de outras pessoas e de suas qualidades, transmitidas pelo sangue, manipuladas pelo *olho* e pelas estratégias dessas mães. A composição desse sangue varia de pessoa para pessoa, algo que faz parte de sua *natureza*, sua composição corporal, moral, espiritual e orgânica que é definida por Deus. Assim como na vida ecológica, na qual o conjunto de fauna, flora, hidrografia, topografia é chamado de natureza, Deus fez *cada um de um jeitinho*, assim como os bichos, plantas, lugares e paisagens, ou, como me disse Ilda, *tudo que tem vida tem seu jeito e sua natureza*. Cabe a cada mãe fazer com que os filhos se envolvam em atividades diárias que muitas vezes vão na contramão do que a *natureza* de cada um deles expressa, para que *aprendam*, pela prática e repetição cotidiana a viverem de outras formas. Foi assim que Benedita me disse o porquê de fazer sua filha caminhar bastante, descendo e subindo as estradas de Pinheiro, levando recados, trocando utensílios domésticos, buscando mudas, entre outras tarefas. *Ela tem rasto do sangue do povo do pai, um povo que gosta de ficar dentro de casa, parece até ter medo de gente*. A menina, que por vontade própria passava todo o dia em frente à Tevê ou no quintal de casa, precisa *aprender* a viver de outra maneira, por mais que sua *natureza pede* recolhimento.

E no universo da família, todos esses *jeitos* pessoais precisam ser conformados, ou como dizem, *apesar das diferenças, todos têm que saber viver e conviver*. Nessa árdua tarefa de convivência dentro de uma casa, a mãe é a responsável por *unir e reunir* os filhos, mesmo quando eles *não se dão*. O outro filho de Benedita já é o contrário da irmã. *Se deixar só anda, não tem parada*. Para ele, ela destinava tarefas demoradas e realizadas no

próprio terreno, como debulhar milho, dar comida às *criações*, distribuir a água da *caixa de goteira* para a caixa d'água do banheiro, entre outras. Uma vez ouvi Genésio, morador de Pinheiro, falando que *não suportava* o irmão. Eles *nunca se deram*, mas sempre *respeitaram* a mãe, que enquanto esteve viva os *reunia* em sua casa, sob o mesmo teto. Desde que sua mãe faleceu, eles não se falavam e não faziam questão de reatar a relação. Ele não disse que nunca mais procuraria o irmão e nem descartou a possibilidade de se reaproximar dele um dia, mas não o procurava. *Eu me sinto mal porque sei que mãe não ia gostar disso; mãe é igual pata, gosta dos filhotes todos debaixo da asa.*

Próximo do que Sauma (2013) encontrou entre os quilombolas de Erepecuru, a mãe, nas quatro *comunidades* aqui descritas, é uma figura centrípeta, que reúne os filhos, evitando brigas e permitindo o bem estar da casa e da família. Desde crianças até a vida adulta, os filhos são ensinados pelas mães a *ir para o mundo e voltar para a casa*, um movimento essencial diante das muitas *saídas* que fazem, para atividades de trabalho em outras regiões do país, principalmente. Quando os filhos *vão para o mundo*, eles podem se tornar *sumidos*, aqueles que apesar da família ter informações, não retorna. Um filho *sumido* é um filho *mal criado*, pois não soube lidar com o *mundo* de maneira *equilibrada*. O *mundo* como categoria que traduz o desconhecido, o vasto, o impreciso é um agente de aprendizados variados (Alves, 2014). Contudo, ele precisa ser encarado como aquilo que não pertence àquelas pessoas, por mais que ele ensine. O *lugar da gente* continua sendo a *comunidade* de origem da pessoa, o *seu lugar*. E *saber o seu lugar* é uma qualidade muito bem avaliada entre eles, pois diz respeito a sua pertença a um lugar ou determinada situação social, como a relação com patrões e superiores nos seus locais de trabalho.

Apesar das mudanças nos partos e em seus rituais, as mães das quatro *comunidades* são unânimes quanto aos cuidados e perigos do parto e pós-parto para a vida dos filhos. Como responsáveis pelo cuidado dos umbigos dos bebês até a cicatrização dos mesmos, elas são também responsabilizadas pelos diversos tipos de percursos da *sorte* da criança, que pode ser *espalhada*, caso o umbigo não seja devidamente guardado e enterrado. O esforço das mães para ensinar a seus filhos qual é o *lugar da gente* envolve a manipulação do cordão umbilical, guardado em potes de vidro até o momento exato para ser enterrado. O umbigo, quando cicatrizado e *caído*, deve ser muito bem guardado. Seu enterro é uma medida para a conexão da pessoa com o *seu lugar*, uma forma de fazer com que ela sempre volte, como observado em outras etnografias brasileiras – Micaelo (2016), Pina-Cabral e Viegas (2007). Não há um tempo determinado para que se enterre o umbigo da criança.

Podem passar anos, décadas e o umbigo pode ser enterrado quando o filho começa a apresentar *problemas de criação*, o que muitas vezes corresponde à fase de adolescência, durante a qual o filho *fica mal criado, respondão, esquece da mãe, sai muito de casa*. Mesmo que o umbigo não seja enterrado, um dos papéis mais importantes de uma mãe é guardá-lo *bem guardado*, geralmente em um pote de vidro, bem vedado. O medo de que um rato coma o umbigo da criança é generalizado. Todas as mulheres de cujos partos ouvi falar têm verdadeiro pavor dessa possibilidade. Uma pessoa que tem seu umbigo comido por um rato torna-se parecido com ele, um *ladrão*. Quando a mãe sente que é o momento de enterrar o umbigo do filho, ela o deve fazer na porta da casa de algum animal que ela *cria* em seu *terreno*, como no curral, no galinheiro ou no chiqueiro, para *chamar sorte* e para a pessoa ser *boa de criação*, ser boa *para ser criada* e para *criar*, animais e outras pessoas, ou seja, os membros futuros de sua família. Esse enterro requer uma habilidade impecável da mãe, que deve ser muito cuidadosa com essa ação, pois, se os bichos que ali vivem conseguirem desenterrar o umbigo, a pessoa pode desenvolver habilidades animais, perdendo em humanidade. Assim, pode *ciscar de lugar em lugar, sem rumo*, como uma galinha, ser pouco higiênica como um porco, ou ser *abrutalhada* como um boi ou vaca. Elas falam que quando uma pessoa é *errada ou atrapalhada* podem ser assim por um descuido da mãe, por uma falta de habilidade no enterro do umbigo ou na conservação do mesmo.

É nesse sentido que, apesar da *sorte* dos filhos ser determinada em grande parte por Deus, ela também não deixa de ser influenciada por ações humanas, especificamente maternas. Atualmente, apesar dos partos serem realizados nos hospitais, a conservação do umbigo continua sendo uma prática difundida entre as mães de toda a região e até mesmo entre aquelas que não têm seus partos ali, mas nas cidades para onde se deslocam. É o caso de Isabela, que teve seu filho em um hospital da Zona Leste de São Paulo, mas foi até Minas Novas para levar o umbigo de seu filho para que a mãe guarde em sua casa. No momento adequado, a mãe ou a avó irão enterrar o umbigo da criança, vinculando-o àquela casa e *comunidade*. Elas definirão esse momento exato quando perceberem que o filho de Isabela está prestes a se *perder* ou não obedecer à mãe.

O medo de que o filho *se perca no mundo* é um medo difundido entre as famílias, que temem que seus descendentes se envolvam com drogas e com o crime, próximo do que Arco Netto (2017) encontrou nos discursos maternos de uma periferia paulistana. Além da escolha do *caminho errado*, os filhos podem *andar sem rumo, esquecendo do seu*

lugar, sem dar informações sobre seu *paradeiro* para a família, sem retornar à casa da mãe. A maioria desses casos é de homens, que se tornam *malandros*, não se casam, gastam *todo o dinheiro em cabaré, bebida e droga* e não se preocupam em procurar a mãe enquanto ela está viva. Esses casos não são maioria na região, mas os existentes são contados e recontados de maneira didática, para que as crianças cresçam ouvindo o quanto essa situação é reprovável. Essa prática de relato das histórias de outrem também é bem ilustrada e analisada na etnografia de Arco Netto (2017): as mães ensinam por meio das palavras, dos inúmeros casos de meninos que “se perderam”, casos que fundamentam os processos de criação e construção de pessoa.

Apesar das mães serem sempre consideradas e se considerarem culpadas por atitudes, *jeitos* e *modos* desaprovados socialmente, todas as discussões sobre *criação* incluem possibilidade real das pessoas mudarem, *mudarem de jeito*, se transformando ao longo da vida e se comportando de maneiras não previstas. *A vida nunca está do mesmo jeito*, seja pelos *giros do mundo* ou pelas novas experiências e aprendizados que adquirem, em lugares e em interação com o que é desconhecido. Assim é o caso daqueles que *mudam de jeito* ao se casarem, *saírem* para outra cidade ou até mesmo conseguirem cargos ou posições sociais de destaque. *Ninguém é igual a ninguém e o mundo dá muita volta, tem gente que muda de jeito*. O *jeito* é moldável, pois é da ordem da convivência, da relação duradoura. Se a *natureza* é dada, assim como a *sorte*, o *jeito* é construído, podendo deixar certas características da natureza ocultas, ou na virtualidade. Digo isso porque se a mãe é a principal responsável por *ver e conhecer a natureza* dos filhos, tentando ajustá-la a uma convivência aceitável, quando o filho se afasta dela e *muda de jeito*, os aspectos de sua *natureza* podem se tornar visíveis, passando a fazer parte de suas práticas. Esse é o caso dos *sumidos*, que quando reaparecem passam por uma nova avaliação criteriosa da mãe, que *assunta* se ele não *mudou de jeito*.

A relação entre *natureza e criação* nas quatro *comunidades* se aproxima do que Cerqueira (2010) observou entre os buraqueiros de Chapada Gaúcha- MG. Ali a *criação* “esbarra” na *natureza*, relação que se torna explícita nos processos de alimentação, onde a *natureza* revela também quais os familiares as pessoas “puxaram”, pelos “modos de comer” que expressam. Entre os quilombolas de Minas Novas, a cozinha também é o ambiente privilegiado para que as mães compreendam os limites da *criação* diante da *natureza* dos filhos, seja pela comida ou pelas reações aos ensinamentos diários, que se passam em grande parte *em roda do fogão*.

Os fogões à lenha *são o esteio da casa*, investidos de magia e poder, são os responsáveis pela *alegria e ânimo* do lar. Era do fogão que a *luz divina* era retirada para ser apresentada ao bebê, quando de seu nascimento. Mais do que uma simples apresentação, a *luz divina* fornecia o *suspiro da vida*, a respiração vital. Nas mortes que ocorrem em casa, ainda hoje a *luz divina* é apresentada ao morto, para que *siga bons caminhos*. O fogão produz ainda cinzas, que são usadas em vários tipos de benzeção, *equilibrando* o corpo e *picumã*, substância resultante do encontro da fumaça com algum detrito do teto. O *picumã* tem alto poder cicatrizante, é usado em uma série de ferimentos e para *curar umbigo de menino*. Mesmo com os partos em hospitais e recomendações médicas para tratamento do umbigo apenas com produtos farmacêuticos, quase todas as crianças têm o *umbigo curado* com *picumã* e azeite, enrolados junto à uma *cinta*. Portanto, é do fogão que se extraem as capacidades de *cura da vida*, como também o umbigo é chamado.

Ao mesmo tempo em que recebe o *suspiro da vida*, a criança é estimulada a conhecer o fogo da casa a que pertence, onde ela será *criada*. Portanto, imediatamente após o nascimento, iniciam-se os *aprendizados* que os familiares querem conferir ao bebê, sendo que prosseguirão durante todo seu crescimento. Por meio de operações seletivas, as pessoas vão criando diferenciações entre os *modos e jeitos* de sua família e das outras com as quais se deparam ou relacionam e, ao longo dos anos, elas podem transmiti-los e utilizá-los como fundo referencial para afirmarem-se e distinguirem-se umas das outras. Esses *modos e jeitos* familiares são observados, primeiramente, na cozinha de suas próprias casas, onde os familiares estimulam as crianças para que elas *aprendam* sobre seus familiares, identificando-os, mas também seus hábitos, inclinações e preferências de cada um e da casa como um todo: seu *jeito* de ser e fazer as coisas, que os diferenciam de outras famílias. É a partir da cozinha que todo o corpo identificará sabores, cores, sons, texturas e outras percepções que se constroem conjuntamente. Assim, desde a infância, as pessoas são estimuladas a acompanharem a produção de alimentos e de sabores, que serão *lembrados* ao longo da vida. Espera-se que as pessoas se *lembrem* das receitas de suas mães, avós, tias e madrinhas, assim como as maneiras de comer e os gostos de outros parentes, inclusive masculinos, que não produzem receitas, mas que passam grande parte do dia nas cozinhas. O espaço da cozinha é um espaço de domínio feminino, em que a *dona de casa* o governa, mas é marcado por uma alta rotatividade de homens e mulheres, *de casa e de fora*, sendo o cômodo da casa onde se recebe as visitas e onde a *prosa* se desenrola.

A cozinha é um espaço que extrapola o âmbito privado, pois, está sempre sendo observada e comentada, como Cerqueira (2010) também observou em outra localidade da região. Portanto, mais do que pelo sangue é pelo conhecimento que a família é produzida, podendo alguém que não é consanguíneo ser muito *unido*⁵ com uma família e *aprender os modos e jeitos* daquela cozinha, se familiarizando com os moradores daquela casa. O que observam sobre a comida que vêm não são apenas gostos culinários, são escolhas que exprimem *jeitos* da família que a cozinhou, que serão analisadas por isso. Uma família pode ser conhecida como *asseada, mão de vaca, sangue ruim, sangue frio, sangue quente, mão aberta, sem graça*, dentre outras classificações, que partem da cozinha para o convívio social mais amplo ou vice versa. Próximo do que afirma Strathern (2006), ali também as pessoas partiam das diferenças para estabelecer relações, diferenças cultivadas como formas de estabelecer *modos e jeitos*, produtores de família e de pessoas. Independente das circunstâncias a partir das quais partem essas classificações, a comida será a exemplificação delas.

A casa que se enraíza, assim como as mães, que se tornam *mulheres fortes*, conjugam gênero, parentesco, arquitetura, religião, economia. Tal como analisado por Carsten e Hugh-Jones (1995), esses domínios se imbricam, um correspondendo ao outro. No convívio prolongado nessas casas, principalmente nessas cozinhas, as famílias se fazem, assim como as pessoas, que partem e levam com elas aprendizados e concepções de existência ali elaboradas. Em parte, cada pessoa traz em si, desde o nascimento, *muitas coisas, coisas demais*, dadas por Deus, *puxadas* dos parentes e de seus *rastos* que trazem no *sangue* e na *natureza*. Contudo, essas mães trabalham cotidianamente na construção de *modos e jeitos*, feições que se tornam familiares e que criam relações, baseadas na consanguinidade, mas extrapoladas na vida coletiva e pública.

3. No *mundão*, sabendo o *lugar da gente*

As mães são figuras centrípetas nas quatro *comunidades* em questão. Elas *reúnem* seus filhos, em um processo que envolve o enraizamento de suas casas, o que se dá, em

⁵ Ser *unido* é a forma como a “consideração” é expressa na linguagem da região. Assim, estudos sobre “consideração” iluminam essas questões, como Marcelin (1996), Mayblin (2010), Marques (2014), Teixeira (2014), Pina Cabral e Silva (2013).

grande parte, pela mobilização de substâncias derivadas da cozinha, como fogo e comida. Essa *reunião* ganha sentido diante do intenso movimento que as famílias da região vivenciam, movimento que não pode ser explicado apenas pelas motivações e pelos resultados econômicos, como já vem sendo demonstrado pela literatura antropológica que se debruça sobre os estudos de migração – Almeida e Palmeira (1977), Garcia Jr. (1990), Menezes (1985), Eunice Durham (1973), Woortmann (1990), Godoi, Menezes e Marin (2009).

As *saídas para trabalhar* que, em grande medida, são pensadas pelas possibilidades de retorno e motivadas por questões familiares, são mobilizadas no discurso para dar relevo aos aprendizados que o *mundo* fornece, nos múltiplos caminhos para *ganhar sabedoria*. Etnografias contemporâneas vêm demonstrando uma íntima relação entre movimento e conhecimento, relação explicitada em contextos distintos. O *mundo* como agente de aprendizado emerge da etnografia por André Guedes (2011) em Minaçu –GO, onde ele pode observar que “o mundo ensina”, reflexão dos seus interlocutores sobre as saídas para o “trecho”, em várias partes do Brasil. Dainese (2015) também aponta diferenças entre a valorização dos tipos de conhecimento motivados por andanças e daqueles apreendidos entre os moradores da localidade Terceira Margem, situada no cerrado mineiro.

Para Renato, morador de Macuco, ali *é o coração do mundo*. Ele pode circular por todo país, cada cidade é apenas uma veia, o que o faz pulsar, de fato, é Macuco. Ali ele se sentia *equilibrado*, com o *juízo certo*, no seio do *coração de todo o mundo*. De lá a vitalidade surge e as pessoas partem em circulações variadas, em caminhos de ida e de volta. E é para lá que ele retorna quando se sente *desequilibrado, triste e desanimado*. Para ele, Macuco é o lugar realmente conhecido, *o lugar da gente*. Por mais que o discurso de Renato seja sobre Macuco, as outras três *comunidades* também entendem suas localidades como *lugar da gente*, contrapostas às cidades que *passam*, que são inicialmente desconhecidas e mesmo que *ganhem sabedoria* sobre elas, continuam sendo outras, marcadas pela diferença.

Ao longo do texto, tentei demonstrar que as mães são responsáveis pela fabricação cotidiana dos corpos dos filhos, mas também pelos aprendizados morais dos *jeitos e modos* familiares, fundamentais para a compreensão das diferenças entre as casas e as famílias. O trabalho doméstico da *criação* é também público, no sentido de interferir diretamente nas relações travadas entre casas e entre famílias. As fronteiras entre doméstico e jural, hoje compreendidas como muito mais tênues e borradas que nos clássicos estudos de

parentesco, são torcidas pelo fato dessas mulheres constituírem o núcleo de memória e afeto familiar. Quando afirmo que há um jogo entre essas mães e o *mundo*, não quero criar uma dicotomia em que elas representam o espaço doméstico e o *mundo* o espaço público. O que observo é uma composição entre elas e as *saídas* dos filhos, umas interferindo sobre as outras. O *mundo* é presente a todo instante nessas casas, mobilizado pelo discurso do *desconhecido*, do distante, daquele que precisará ser enfrentado.

Essas mulheres trazem em si componentes corporais que mobilizam *força*, uma *força para aguentar* os diferentes sofrimentos que uma mãe enfrenta na vida. *Força* que nutre, que *une*, que propicia o *equilíbrio* dos filhos, algo expresso nas quatro *comunidades* como algo que só as mães têm. Cada mulher tem uma *mãe do corpo* ou *dona do corpo*⁶, um ser interno que desde que esteja *em seu lugar* possibilita que elas tenham *força para aguentar*, uma *força* que se torna ainda mais potente depois de cada parto. Uma mulher só se torna *mulher forte* depois de ter um filho, antes disso, sua *força* existe, mas não é potencializada. Muitos são os cuidados que é preciso se ter para que essa *força* não a torne *desequilibrada*, principalmente no resguardo, os 40 dias após o parto. Tal como Nogueira (2016), Belaunde (2016), Sauma (2013) demonstraram em seus contextos de pesquisa, o risco de uma mulher enlouquecer pela saída da *dona do corpo* de *seu lugar*, principalmente quando seu *corpo está aberto*, como após o parto, faz com que uma série de medidas sejam tomadas, como *calorias, simpatias, unguentos, ajuntamentos, benzeções*. As consequências da saída da *dona do corpo* de *seu lugar* são coletivas e por isso o assunto é tratado como familiar, principalmente entre a mãe e a sogra da mulher. Recentemente, conheci uma mãe cuja *dona do corpo saiu do lugar* e não retornou. Quando estava de *resguardo* de um dos filhos, vivenciei a morte trágica de seu primogênito, em um acidente doméstico. A *dona do corpo* ficou *perambulando* e o sangue *subiu, foi para a cabeça*. Até hoje, já com 86 anos, ela sofre de demência constante e surtos psicóticos *nas voltas de lua*, quando somente uma de suas filhas consegue se relacionar com ela, fornecendo os cuidados de alimentação e banho. O *desequilíbrio* corporal dessa mulher afetou diretamente seus filhos, que tiveram de ser *criados* por tias e todos os moradores da

⁶ A emergência de etnografias que tratam sobre o tema da *dona do corpo* é recente, como pode ser melhor explorado no seminário “Estranhas entranhas: As múltiplas ontologias do útero”, realizado em 2016, na UFRJ e do qual fiz parte. O trabalho de Macedo (2007) e Sauma (2013) são pioneiros na literatura brasileira, apesar de ser um tema que atravessa grupos indígenas e de origem afro brasileira em regiões distintas do país.

comunidade, que precisam circular com cuidado nas imediações do *terreno* dela, temendo perseguições e ataques pessoais, como tentativas de golpes com machado e enxada.

Muitas são as doenças que podem surgir por *resguardo quebrado* e da *saída da dona do corpo do seu lugar*, doenças que podem aparecer a qualquer momento, às vezes, décadas depois de um parto. O corpo da mulher, principalmente da mãe, é um corpo que pode guardar em si *desequilíbrios*, que podem ficar anos ocultos e se *apresentarem* a qualquer momento. Foi assim que uma senhora me explicou que o problema cardíaco que *apresentou* em seu corpo agora era resultado de um *resguardo quebrado*, que ela *quebrou* há 25 anos, depois do parto da filha mais nova. Eu estranhei quando ela me relatou todos os sintomas de sua doença (fadiga, dificuldade de respirar, aceleração cardíaca) e afirmou que aquilo era *resguardo quebrado*. Apesar de todos os anos decorridos, o *corpo cobrou*, a *dona do corpo deu esse abalo*. Os *abalos* que a *dona do corpo* pode gerar falam dessa relação misteriosa entre as mulheres e esse outro ser que carregam, um ser com suas vontades, *andanças* e temporalidades próprias. O momento que esses *abalos* surgem, ou melhor, *apresentam*, são momentos de visibilidade desse ser que sempre está ali, compondo esse corpo e reagindo de acordo com os cuidados e negligências à sua existência.

Em conversa com Vilma, moradora da *comunidade* Gravatá, ela me disse que as mulheres são muito diferentes dos homens por que eles *não carregam as coisas que uma mulher carrega*. Essas *coisas* são os próprios filhos, contidos no ventre durante a gestação, a *dona do corpo* e toda uma *natureza* que permite novas vidas, novos corpos. *A mulher sofre mais, mas sem ela, ninguém existia*. Esse *sofrimento* da mulher e principalmente da mãe é causado por questões biológicas (como menstruação, cólicas e efeitos mentruais, *corpo mais aberto*, possíveis *abalos da dona do corpo*, doenças derivadas de *resguardo quebrado*), mas também pela *ideia preocupada*, o pensamento constante nos filhos, os inúmeros afazeres diários, a economia doméstica, entre outras coisas.

Ser mulher é um troço complicado, me dizem as mulheres e mães da região, que sabem do *sofrimento* e das *alegrias* que *Deus dá* quando se nasce mulher. Muitos são os casos de *sofrimento* com os filhos que fazem as mães afirmarem que *Deus quis que a gente nascesse mulher, deu uma natureza para a gente ser mãe porque sabe que a gente aguenta*. Essa *ideia preocupada* se relaciona com a lembrança constante dos filhos, dos quais *não esquecem*, e explicam não esquecer porque trazem no corpo a memória dos partos, que liga as mães aos filhos *pelo resto da vida*, não os *abandonando*.

Essa lembrança inesquecível não garante que a mãe *crie* o filho, que pode ser *dado para criar*, mas que ela carregue em seu corpo a memória da existência dele. É nesse sentido que o parto, vivido no corpo, encontra ressonância na forma como Bergson (2011) analisa a matéria e a relação dessa com as imagens. Segundo o autor, a matéria seria um conjunto de imagens, dentre as quais o corpo ocupa um lugar privilegiado. O corpo é uma imagem que se destaca dentre as demais porque consigo conhecê-lo por fora (por percepções) e também por dentro (por afecções). Para o autor, o corpo pertence à dimensão do presente, mas nada impede que o passado seja ativado, deixando o estado de representação para o estado atual, no qual o corpo permite as ações do indivíduo. É por ativar o passado por meio do corpo que uma mãe biológica reconhece seu filho, não o esquece, nunca o apaga de sua existência. O mesmo não acontece com os pais, que não viveram no corpo essa relação com os filhos e não podem ativar nenhum passado que pertence à matéria corporal. É nesse sentido que a figura da mãe se aproxima da figura divina, ela é *sagrada*, ela *conhece todos os seus filhos*, assim como Deus, ela *sofreu* para a existência de cada um deles, mesmo que não os tenha *criado*. O poder e *força* de uma mãe é produtor de vida, cuidado, *lembrança*, parceria.

Não quero aqui afirmar que essas mulheres possuem uma estrutura fisiológica que propicie esses processos. Como bem afirmam Yanagisako e Collier (1987) tanto sexo quanto gênero são categorias culturais e as diferenças internas entre os corpos também devem ser pensadas como construções discursivas, muito mais do que simples reduções de dados biológicos. As elaborações sobre a concepção e sobre a *dona do corpo* me levam a crer que estamos diante de uma teoria nativa sobre os processos naturais dos corpos femininos, uma teoria que não diz apenas do biológico, mas também dos elementos socioculturais que criam esses discursos. Assim, as mulheres são compostas por seu próprio corpo e por esse outro ser, que o habita, a *dona do corpo*. Elas lidam intensamente com alteridades, sejam internas ou externas, e seus corpos produzem outros, os filhos. O desafio de ser mãe é projetar seus *modos e jeitos* em pessoas que já nasceram com um *jeito* próprio, com uma *natureza* particular e uma *sorte* determinada por Deus, como tentei demonstrar ao longo do texto.

O desafio materno na construção de uma pessoa passa necessariamente pelo equacionamento de todas essas ordens, em um exercício diário de observação atenta às características dos filhos, que nem sempre são visíveis, mas são perscrutáveis. Esse trabalho materno é o principal responsável pela produção de reputações dos filhos, que são

socialmente avaliados como *bem criados*, qualidade demonstrada por meio do *saber viver e conviver* e pelo êxito em *ir para o mundo e saber voltar para a casa*. Uma mãe bem sucedida no processo de *criação* faz seu filho *saber o seu lugar*, reconhecendo que pertence a determinada *comunidade*, valorizando sua origem e se *reunindo* na casa materna de tempos em tempos.

4. Referências Bibliográficas

ALVES, Yara de Cássia. Como etnografar um *mundo* em que *tudo gira, gera e mexe?* III *Seminário de Antropologia da UFSCar*. São Carlos, 2014.

ALVES, Yara de Cássia Alves. *A casa raiz e o vôo de suas folhas: Família, Movimento e Casa entre os moradores de Pinheiro-MG*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

ARCO NETTO, Nicolau de la Bandeira. *A educação vem de casa*. Família e escola na periferia de São Paulo. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2017.

BELAUNDE, Luisa Elvira. *Dona do corpo e concepção da saúde feminina a longo prazo entre os povos indígenas do nordeste*. Seminário “Estranhas entranhas: As múltiplas ontologias do útero”. Universidade Federal do Rio De Janeiro, 2016.

BERGSON, Henri. 2011. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes.

CARSTEN, J. HUGH-JONES, S. ‘Introduction’ to *About the House: Levi Strauss and Beyond*. 1995.

CERQUEIRA, Ana Carneiro. *O “povo” parente dos Buracos: Mexida de Prosa e Cozinha no Cerrado Mineiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2010.

DAINESE, Grazielle. Movimento e animação das festas, visitas, andanças e chegadas. *Mana*. 22(3). p.641-669, 2016.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: A vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1973.

GALIZONI, Flávia Maria. *A terra construída. Família, Trabalho e Ambiente no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

GARCIA JR., Afrânio Raul. HEREDIA, Beatriz. Trabalho familiar e campesinato. *América Latina*, ano 14, n. 1- 2 , jan-jun. 1971. Pp 11- 21.

GODOI, Emília Pietrafesa de. MENEZES, Marilda Aparecida de. MARIN, Rosa Acevedo. Introdução. In: *Diversidade do campesinato: Expressões e Categorias. Vol.2. Estratégias de Reprodução Social*. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis. Movimentos e durações no Norte de Goiás*. Tese de Doutorado. Museu Nacional-UFRJ; Rio de Janeiro, 2011.

MACEDO, Ulla. *A “dona do corpo”*: um olhar sobre a reprodução entre os Tupinambá da Serra-BA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

MARCELIN, Louis. MARCELIN, Louis H. *L’ invention de la famille afro-américaine: famille, parenté et domesticité parmi les noirs du Recôncavo da Bahia, Brésil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ. Tese de Doutorado, 1996.

MARQUES, Ana Claudia. Frutos da caatinga e do cerrado. Evento R@u. São Carlos, 2014.

MAYBLIN, Maya. The madness of mother: Agape Love and the maternal myth in Northeast Brazil. *American Anthropologist*. Vol. 114, n. 2, 2012.

MICAELO, Ana Luísa. "Essa terra que tomo de conta": Parentesco e Territorialidade na Zona da Mata de Pernambuco, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

MENEZES, Marilda. *De Paraíba para São Paulo e de São Paulo para Paraíba*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 1985.

NÓBREGA, Marcia. *A mãe em movimento: tempo, espaço e corpos em uma ilha no Rio São Francisco*. Seminário “Estranhas entranhas: As múltiplas ontologias do útero”. Universidade Federal do Rio De Janeiro, 2016.

PINA-CABRAL, João. VIEGAS, Suzana de Matos (eds). *Nomes: Género, etnicidade e família*. Coimbra: Almedina, 2007.

PINA-CABRAL, João de. SILVA, Vanda Aparecida da. *Gente Livre. Consideração e pessoa no Baixo Sul da Bahia*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2013.

SAUMA, Julia Frajtag. *The Deep and the Erepecuru: Tracing transgressions in an Amazonian Quilombola Territory*. (Thesis) London. University College London, 2013.

STRATHERN, Marilyn. *After nature. English Kinship in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Editora Unicamp, 2006.

TEIXEIRA, Jorge Luan. *Na terra dos outros: Mobilidade, Trabalho e Parentesco entre os moradores do Sertão de Inhamuns (CE)*. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional – UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *Resistência e Pirraça na Malhada. Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caetité*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2015.

WOORTMANN, Migração, família e campesinato. Campinas: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 7, n.1, p. 35-53, 1990.

YANAGISAKO, S. J. e COLLIER J. F., Towards a Unified Analysis of Gender and Kinship. In: PARKIN, R. and STONE L. (eds.) *Kinship and Family*. An anthropological Reader. Oxford: Blackwell Publishing. Pp. 275-293, 2007 [1987].